

## CAMINHOS PARA A COMPREENSÃO DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS PANDEMIA, SOB O OLHAR DA PEDAGOGIA

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom<sup>1</sup>  
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt<sup>2</sup>

**Resumo:** Este relato de experiência apresenta os desafios, as estratégias de trabalho e as superações da equipe pedagógica do IFSC câmpus de São Miguel do Oeste-SC, durante o período de pandemia (março 2020 à maio 2021). O objetivo central é registrar, avaliar as ações e problematizar as principais questões que permearam o cotidiano escolar, em Aulas não Presenciais (ANPs), no contexto dos múltiplos desafios enfrentados, a partir das estratégias exitosas e aquelas que precisaram ser revistas e implementadas a partir da imediaticidade que a situação exigiu. As respostas às implementações, as situações dos estudantes em isolamento social, as várias dificuldades em operacionalizar as aulas em ANPs, mostraram que a educação, comunidade escolar, precisam investir em fluência digital. Observou-se que a escola está precarizada e atrasada quanto às tecnologias, que estudantes e professores não têm ambiência tecnológica adequada. Que as dificuldades de acesso aos estudantes pela equipe, assim como, os sofrimentos psicológicos apresentados pelos (as) estudantes foram um grande problema e uma adversidade sem proporção anterior. Essas questões, diretas do cotidiano da equipe pedagógica, servem de instrumentos para pesquisas e implementações de ações para uma educação que não voltará aos moldes de antes da pandemia.

**Palavras chave:** Educação. Pandemia. Desafios. Estratégias colaborativas pedagógicas. IFSC-SMO.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Pedagoga do IFSC- câmpus de São Miguel do Oeste – Santa Catarina – Brasil. Contato: jacinta.marcom@ifsc.edu.br.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e Servidora Assistente Social do IFSC câmpus de São Miguel do Oeste – Santa Catarina – Brasil. Contato: adrianarschmitt@gmail.com

Os (as)<sup>3</sup> personagens da educação contam seus cotidianos, com os elementos de uma narrativa, dentro do espaço formativo e do tempo de uma pandemia. O ano de 2020 foi marcado por muitas e diferentes situações, sensações, emoções e mudanças. O tempo pandêmico, apesar de sombrio, nos ensinou muitas coisas, e nos chamou atenção a momentos valiosos, que na correria da vida diária tornaram-se insignificantes. Nas instituições escolares, os portões se fecharam, as carteiras ficaram vazias, as salas de aula silenciosas e os corredores sem movimento. Passamos a fazer comparações entre o antes e o depois, o que nos alertou para o caos que a pandemia provocou no contexto escolar e familiar, que agora estão unificados. Essas reflexões nos impulsionaram a repensar seriamente sobre os espaços sociais e educacionais enquanto espaço formal e/ou informal, mas, especialmente, privilegiado de aprendizado, de socialização e de compartilhamento de experiências. Sobre tais experiências Larrosa (2002, p. 21), versa que "[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca".

Nesse viés, agrega sentido registrar que em meio a uma pandemia o excesso de informações desconstruídas ou a falta delas, a incerteza, a insegurança constante, a negação e o medo impediram as pessoas de viverem as experiências reais contumazes. Todos os espaços, de cada estudante e de cada servidor (a) da educação, tornaram-se lugares de desafios coletivos para desenvolver e potencializar a capacidade intelectual do indivíduo no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse cenário, continuamos fazendo a educação formal acontecer e nos deparamos com relatos que se traduzem em histórias de superação, luta pela vida, sofrimento, decepção, esperança, de trabalho, de ensino-aprendizagem, de luta por um mundo melhor mais digno e com mais equidade de oportunidades. Esse panorama nos permite reflexões, enquanto sinaliza possíveis desafios no momento vivido pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus São Miguel do Oeste (SMO) durante a pandemia de COVID-19. Assim, o objetivo deste relato de experiência é fazer algumas reflexões com relação à educação formal e suas centralidades e periferias no processo de aprendizagens, em tempos de pandemia. Nesse horizonte, apoiadas nas narrativas de vida dos (as) profissionais do IFSC – câmpus

---

<sup>3</sup> Este artigo segue as normas da linguagem neutra de gênero, por entendermos que a linguagem não pode ser um instrumento de poder, e por considerarmos que a linguagem neutra contempla todas as pessoas por meio da escrita, promovendo inclusão, valorização e respeito à diversidade.

Metodologia

SMO, experienciadas no decorrer desse tempo de isolamento social que relatam vivências, experiências e muitas memórias de uma jornada solitária e desafiadora que cada qual suportou.

## Metodologia

As infinitas possibilidades de trânsitos entre os conhecimentos construídos, praticados e desconstruídos, conduziram os (as) profissionais da educação a inusitados caminhos, que diga-se de passagem, não foram nada acalentadores. Nos diversos espaços ocupados por servidores (as) da educação formal, que antes encantavam-se com o seu trabalho, percebemos telas frias, na maioria das vezes fechadas para professores (as), assim como aconteceu durante os atendimentos da equipe pedagógica com nossos (as) alunos (as). A interação entre escola e estudante diminuiu muito no meio digital. Durante as aulas houve muito silêncio e pouco se viam os rostos dos (as) adolescentes. Eles (as) optaram por não aparecer, deixar as câmeras fechadas, não mostrar seu espaço íntimo do lar, nem as expressões que indicam situações e relações vividas no atual cotidiano. Quanta mudança! Antes, estudantes saltitantes pelos corredores escolares, falantes e esbanjando gargalhadas em grupos de colegas. Ora, adolescentes trancados nos seus ninhos. Mesmo assim, muitos (as) desses estudantes, da educação profissional em nível de ensino médio, relatam os desafios de lidar com o processo de aprendizado em atividades não presenciais (ANP). Vivenciamos três situações com referência a continuidade dos estudos: 1-muitos (as) estudantes trancaram seus cursos e evadiram-se do câmpus, 2-outros (as), tentaram dar continuidade às atividades, contudo, reprovaram e ficaram pelo caminho, 3-enquanto outros (as), mesmo com dificuldades, seguiram e tiveram êxito concluindo o ano letivo. Todos (as), foram impactados de diferentes formas pela pandemia, contudo, as estruturas familiares, de saúde, psicológicas, econômicas, conhecimentos e acessos tecnológicos, enfim: estruturais de cada adolescente são diferentes, e, de alguma forma os (as) levou até esses resultados.

Em meio a esse caos, nós da coordenadoria pedagógica<sup>4</sup> do IFSC – câmpus SMO,

<sup>4</sup> Compõem a equipe multiprofissional que atua na coordenadoria pedagógica do Instituto Federal de Santa Catarina – câmpus de São Miguel do Oeste os seguintes cargos: 02 pedagogas, 01 assistente social, 01 técnica em assuntos educacionais, 02 psicólogas e 02 assistentes de alunos.

### Resultados

Anais do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação/ISSN: 2525-4588

CATEGORIA: **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

procurávamos formas e estratégias para contribuir com os (as) protagonistas envolvidos no processo educativo diante dos novos desafios. Como atender virtualmente os (as) estudantes, seus familiares e colegas professores (as) diante de tantos relatos sobre sentimentos de solidão, ansiedade, sensações de fracasso com as atividades pedagógicas, desestímulos com a vida, dificuldades financeiras, e a precária condição para lidar com as tecnologias? Que para a maioria, passou a ser bem mais que um desafio! Para humanizar um pouco mais as relações e resolver essas questões, a coordenadoria pedagógica e a direção do IFSC/SMO buscaram através do planejamento da equipe multidisciplinar e docente, responder às demandas na medida em que elas apareciam, através de novas estratégias e ações. Mas o que caberia nessa jornada? Como resignificar o sentido das atividades docentes e discentes? Como organizar as atividades de modo a favorecer a autonomia dos (as) estudantes? Como explicar coisas inexplicáveis a adolescentes que jamais sonhavam passar por essa situação? Voltemos às pranchetas...

### **Resultados**

Essa jornada no IFSC/SMO iniciou em 15 de março de 2020, quando as aulas foram suspensas repentinamente, num domingo. De início, esperava-se que o afastamento social seria breve. Mas, logo se viu que a semana que seria o início de uma breve mudança de metodologia de trabalho tornou-se uma longa, exaustiva, complicada e inovadora trajetória de tentativas, planejamentos e replanejamentos de trabalhos e ações, que já duram um ano e três meses.

As primeiras ações foram decididas em dois ou três dias dessa semana, do primeiro planejamento escolar do câmpus para o enfrentamento da pandemia, sem muita tensão nem preparação. Para todos nós, seriam apenas algumas semanas de isolamento e não havia necessidade de implantação de muitas mudanças estruturais. Essas seriam paliativas com a finalidade de ofertar o necessário por um curto período de aulas remotas. Nessa primeira semana de planejamento com conversas e articulações orquestradas pelo “inesperado” os (as) estudantes ficaram em suas casas, eles (as) aguardavam as orientações dos (as) professores (as), não houve atividades escolares. Logo, nos encontramos em um período de incertezas e preocupações diversas, principalmente, com a saúde. O cuidado com a vida era a prioridade



de todos (as), servidores (as) e alunos (as), e nesse sentido as ANP estavam de acordo com os protocolos para a não propagação do vírus. Já em março, abril e maio de 2020 recebemos notícias de pessoas doentes, em risco de morte iminente, e falecimentos de familiares de nossos (as) estudantes e colegas de trabalho. Isso nos impactou profundamente e negativamente, mesmo assim, as aulas precisavam continuar, com as ferramentas que tínhamos à disposição, por sinal, bem precárias. O IFSC possui um centro de educação EAD em Florianópolis que dispõe de estrutura especializada, mas não nos câmpus.

De imediato a falta de acesso a recursos tecnológicos tornou-se um empecilho à educação/nosso trabalho. Como contatar e conectar a equipe educacional e os (as) estudantes? A saída foi apelar para a solidariedade dos (as) colegas e da comunidade. Ainda em março fizemos uma campanha intensa de arrecadação de computadores e celulares, organizada pela assistente social, o que nos possibilitou atender os (as) alunos (as), que em casa, não tinham acesso às aulas remotas. Nos meses seguintes foi disponibilizado por meio da Assistência Estudantil o pagamento de auxílio emergencial de internet, no valor de R\$ 70,00 para custear os planos de internet aos alunos que não o dispunham.

Nem sempre esses foram totalmente eficientes. Por que alguns alunos, mesmo recebendo celulares doados, não dispunham, em sua moradia, da rede de internet. Geralmente essa rede estava inacessível entre árvores e morros onde os alunos residiam. A saída dos estudantes foi deslocar-se até a casa de vizinhos e familiares, que tivessem acesso à internet para acompanhar as aulas. Diante disso, a situação era mesmo de perigo, além do contato que poderia ser um meio de transmissão de COVID-19, tínhamos alunos (as) que poderiam estar expostos a situações de violência doméstica, ao risco de abusos e violência sexual devido a essas circunstâncias. Já conhecemos vários casos de abusos de adolescentes e esse fato preocupou muito a equipe pedagógica. Coube às psicólogas tentarem a aproximação com os estudantes para tentar estreitar os vínculos, a fim de apoiá-los (as) e orientá-los (as) quanto a essas questões. Tarefa difícil de se cumprir pela troca de mensagens por WhatsApp e email, já que as visitas domiciliares não foram possíveis. Ficamos com o sentimento de incapacidade para a proteção dos (as) nossos (as) estudantes em risco e com vulnerabilidade social.

Muitas famílias tiveram a renda diminuída, ou escassa por completo, justamente neste período em que precisariam investir em tecnologia para acessar o conhecimento. O número de desempregados (as) entre familiares de alunos (as) motivou-nos a fazer campanha para a arrecadação de alimentos e cestas básicas. A solidariedade tornou-se uma forma de união das





peçoas, mesmo aquelas que não tinham muito a oferecer, e com isso, todos os (as) estudantes que solicitaram alimentos foram atendidos com a oferta de cestas em vários períodos do ano. Além das arrecadações foram ofertadas cestas básicas também com recursos da alimentação escolar do IFSC.

Foi perceptível que as ANP, acabaram por cunhar a estratificação social dos alunos. Se no meio presencial de aulas, os (as) estudantes encontravam-se num mesmo ambiente e contemplavam os mesmos ensinamentos e oportunidades de aprendizagem, a distância expôs a falta de acesso que exacerba a pobreza ou a riqueza entre colegas. Se antes certas mazelas passavam despercebidas, agora surgiam os relatos dentre os (as) próprios (as) colegas que indicavam aqueles (as) que tinham acesso e aqueles (as) que estavam à margem da educação, pela via da exclusão social e tecnológica.

A necessidade de apropriação da tecnologia, com fins educativos, mostrou-nos o quanto atrasados estamos frente à valorização dos espaços não escolares de aprendizagem. A educação não pode estar fechada entre muros, “a escola passa a ser não mais vista como edificação institucional, mas como realidade social construída no espaço e no tempo” (GONZÁLEZ, 2009, p. 26). O que temos, na realidade, é o resultado de décadas de preconceito com tudo o que levou a escola para além dos muros com os usos dos aparelhos tecnológicos, em especial os celulares, *tablets* e computadores. Nunca foi prioridade da educação formal<sup>5</sup> escolar incentivar os estudantes e professores a apropriarem-se das tecnologias digitais<sup>6</sup> e fazer delas instrumentos de mediação do ensino e da aprendizagem. Agora, é um instrumento fundamental, mais do que necessário, para o acesso aos professores, aos colegas, e ao mundo exterior à casa, na busca da apropriação do conhecimento. Que grande valorização se deu ao celular que antes era utilizado principalmente para acesso às mídias sociais. Fizemos campanhas que trouxeram resultados, mas a escola teve que agir por conta própria por “algo que já deveria ter virado política pública” de Estado! De fomento/investimento tecnológico nas escolas e à capacitações

---

<sup>5</sup> Vale lembrar que estamos inseridos na educação formal presencial de ensino médio, bem diferentes da educação EAD.

<sup>6</sup> Tecnologia Digital é qualquer tecnologia baseada na linguagem binária dos computadores. Assim, quando pensamos no uso de tecnologias nas escolas não estamos falando simplesmente no uso de “aparelhos tecnológicos digitais”, mas sim no conjunto de técnicas, processos e métodos específicos para o ofício de ensinar! (<https://professordigital.wordpress.com/tag/tecnologias-digitais/>).

docentes para uso das tecnologias.

Mas, a escola não é uma rede social? Sim! A escola é um espaço privilegiado de integração social.

Neste quesito, integração e interação social, surgiram algumas situações complexas! Pois sabemos que a adolescência é um período de descobertas, amizades, namoros e muita interação social, e a falta dessas relações causam doenças e transtornos em nossos adolescentes. Muitos (as) estudantes apresentaram problemas psicológicos devido ao isolamento social. Relatos contundentes de depressão, tristeza e solidão chegavam diariamente aos profissionais da coordenação pedagógica e eram atendidos pelas duas psicólogas lotadas no setor. A ansiedade diante das incertezas tornou-se uma das mais complicadas barreiras para superar o período de isolamento, e muitos (as) precisaram buscar apoio médico e psicológico na rede de saúde local. Percebemos que a ansiedade, muitas vezes, era causada pela dificuldade de compreender os conteúdos e ensinamentos repassados pelos (as) professores (as) em formato de ANP. Ouvimos de alunos (as) “eu não consigo entender o conteúdo”, “é difícil fazer prova pelo computador”, “eu não tenho vontade de estudar assim, eu sinto falta das explicações”, “eu estava fazendo a/o prova/trabalho quando a internet caiu e eu perdi tudo”, “essas aulas são cansativas”, “eu tô perdido não entendi o que precisa fazer na aula XX”.

A compreensão dos conteúdos ficou muito prejudicada para a maioria dos (as) estudantes neste formato remoto. Se antes se dava pouca ênfase à presença do (a) professor (as) em sala, agora, a sua presencialidade representou para esses alunos perdas significativas de aprendizagem. Mais do que um (as) profissional que explica conteúdos e torna palpável o conhecimento em sala, os (as) alunos (as) sentiram a falta dos (as) professores (as) pela troca de vivências que tanto enriquece a vida dos (as) estudantes e mestres (as). A educação se constrói pelo afeto e a sintonia das relações!

A saudade dos abraços, do companheirismo e dos diálogos entre colegas e profissionais causou desestímulos em muitos (as) estudantes. Foi perceptível que isso, agregado também às dificuldades já mencionadas, esfriou a vontade de aprender. Aquela motivação natural dos (as) jovens transformou-se em muitos momentos de desolação, como consequência, vemos a perda de notas pela não entrega de trabalhos, e a falta de motivação para preparar-se para as provas. Como recuperar estes alunos?

Durante os conselhos de classe soavam diversas falas: “fulano (as) de tal não fez as



atividades”, “beltrano (as) desapareceu das aulas”, “sicrano (as) está trabalhando durante o período das aulas”, “esse é o grupo do plágio, da cópia, da cola”, “os (as) não querem ler o material”, “eles (as) não procuram o (a) professor (a) para tirar dúvidas”, dentre outros. Aprender e ensinar se distanciaram, tornou-se um processo difícil! Buscamos a mediação para suprir as lacunas do distanciamento entre professores e estudantes. Muitas chamadas de vídeo entre a equipe pedagógica para compreender o que se passava com os (as) alunos (as), em seguida explicar ao professor (as) realidade, as dificuldades e empecilhos enfrentados por esses. Em muitos casos identificamos problemas e fizemos encaminhamentos para a rede de atendimento local, à saúde, à assistência estudantil, apoio psicológico, reforço escolar, organização da agenda estudantil, apoio à recuperação de provas e trabalhos atrasados. Percebemos que, diante dos múltiplos fatores e empecilhos que desmotivaram os (as) estudantes, em inúmeros casos o que eles (as) precisam, de fato, era conversar com a equipe. Serem ouvidos, receber palavras de apoio e conforto, e reorganizar-se como estudantes dentro do seu espaço e do seu tempo.

É um novo ambiente educacional. Reflitamos que algo precisa ser mudado na educação tradicional, visualizamos que diante dessas experiências a educação também se modificou e não se encaixa mais nos moldes anteriores à pandemia!

Pontuamos que a escola ainda está muito atrelada à tradição de transmissão de conhecimento, herança positivista do século XVIII e XIX, que se torna insuficiente na preparação de adolescentes e jovens contemporâneos que vivem num período pandêmico. Essas características são evidenciadas quando o foco do ensino se centra em resultados e aprovações. Temos que ter cuidado porque o papel da escola não é apenas cumprir o currículo, ela precisa olhar para a vida das pessoas e ensiná-las, como dizia Freire (1989), a ler o mundo, uma vez que linguagem e realidade se prendem dinamicamente. Somente através de uma educação inclusiva, que considere as especificidades desses (as) estudantes, o ciclo de aprendizado se completará. Nesse modelo tradicional, em que estamos imersos, o que temos é uma colcha de retalhos pequena que deixa muitos (as) descobertos, ao relento.

Também foi necessário readequar modelos avaliativos e repensar novas práticas pedagógicas a serem adaptadas para o contexto virtual. Não se tratava apenas de transpô-las do presencial para as telas do computador, mas de refletir sobre o que era importante naquele





momento enquanto conteúdo educativo. Foi sugerido pelos profissionais da coordenação pedagógica que os (as) professores (as) aplicassem formas diferenciadas de avaliações de acordo com as possibilidades dos (as) estudantes. A grande maioria dos (as) educadores (as) foi criativo (às), inovadores (as) e flexíveis atendendo nossas solicitações. Registra-se, também, o acompanhamento das autoras quanto a expectativa dos profissionais da educação em relação a realização das atividades propostas aos discentes na ANP. Vale ressaltar que, em muitos momentos nos sentíamos impotentes diante da condição de poder contribuir no avanço das discussões quanto às melhores estratégias que deveriam ser utilizadas para que os estudantes aprendessem. Mas, não era só isso que nos angustiava, a solidão também foi um sentimento permanente desde o planejamento das atividades até a execução delas. As atividades propostas pelos (as) docentes, agora já não tinham o mesmo brilho nos olhos. Podemos dizer que esses momentos foram desesperadores. As incertezas eram as únicas certezas que tínhamos ao perceber que a pedagogia não nos preparou para este momento, para esses enfrentamentos. O que então poderíamos fazer pelos docentes diante deste cenário

Em muitos momentos ouvimos os professores desabafarem “o que eu mais amava era ser professor e hoje isso perdeu o encanto. Só quero mesmo me aposentar”, ou ainda “me sinto impotente diante das cicatrizes que essa pandemia vai deixar”, e, “como fazer com que os alunos estudem e queiram aprender?” ou reclamações: “Tive de passar meu celular privado para os alunos tirarem dúvidas”, “falta estrutura e espaço adequado para trabalhar”, “eu estou exausto (a)”. Buscando algumas saídas estratégicas tentamos propor troca de experiências, atividades interdisciplinares, cafés pedagógicos, formações, mas, percebemos que de nada adiantaria pensar estratégias para as condições de trabalho, quando a saúde mental não é cuidada. Muitos docentes tiveram que buscar terapias e atendimentos psicológicos para dar conta de tantos sentimentos que se misturavam. O isolamento ativou um sentimento de estranheza entre o (a) professor (a), no fazer-se professor (a) e o entorno como um todo.

Uma das queixas dos (as) docentes foi a mistura da vida familiar e profissional num mesmo espaço e tempo. Foi impossível colocar um limite para o horário de trabalho, família ou de estudos, pois as demandas existem e precisam ser cumpridas. Isso ajudou a aumentar o esgotamento emocional de todos (as).

O trabalho remoto também limitou a possibilidade dos (as) docentes identificarem, se de fato, os (as) seus (as) alunos (as) adquiriram os conhecimentos necessários para avançar nos conteúdos dentro das disciplinas, uma vez que a distância impediu a interação. Percebeu-

se preocupação constante dos professores com relação a garantia do aprendizado nas unidades curriculares.

Por outro lado, houve perceptível avanço no que se trata ao conhecimento e ao uso de tecnologias para a aplicação das ANPs, seja pelo docente para socializar esse conhecimento ou pelo(a) aluno (a) para acessar os conteúdos. Podemos afirmar que ambos apropriaram-se de meios digitais e tecnológicos que tornaram o acesso à educação um processo mais personalizado e mais autônomo. O importante é vermos a oportunidade de fazer algo melhor em meio a tempestade. O remoto não substitui o presencial, mas talvez possa ser visto como uma alternativa a fazer parte do novo modo de viver, estudar e trabalhar. Nessa mesma linha, também destacamos o aumento do tempo que se passou a ficar conectado em chamadas de google meet, moodle, sigaa, computadores, simuladores, WhatsApp, dentre outros, uma vez que as estratégias utilizadas pelos docentes demandam o uso de materiais digitais via redes sociais em todas as modalidades/etapas do ensino básico e superior como uma nova dinâmica pedagógica.

Outro fato importante foi como lidarmos com o luto que a situação requeria. Era necessário criarmos alternativas e um repertório interno para conhecermos a situação delicada e complexa que estamos vivenciando. Os turbilhões de emoções e sentimentos nos fizeram dar novos significados para o que estava acontecendo, pensando em respeitar os nossos limites. Afinal, acreditamos que todos nós sempre fazemos o melhor possível a cada momento. Aprendemos a desenvolver mais autocuidado e autocompaixão, as habilidades como persistência, assertividade, empatia, autoconfiança e tolerância a frustração.

O momento pandêmico também ensina que, apesar da educação ainda não ser considerada elemento fundamental para este Estado, os (as) trabalhadores da educação são peça chave, elo fundamental entre as estratégias pedagógicas e os (as) alunos (as) para a continuidade da educação, especialmente neste período. O momento também ensina sobre a urgência de formar docentes para novas práticas pedagógicas, o que inclui o uso ativo e indutivo das tecnologias assentadas, como afirma Perrenoud et.al (2002) em situações-problema e na ativação dos (as) aprendizes. Pensar sobre essas questões é pensar sobre estratégias para que os (as) alunos (as) aprendam a aprender, tão importantes neste tempo.

## **Conclusão**

Refletir sobre esses e outros possíveis aprendizados é tarefa de todos (as) os (as) sujeitos da educação, a fim de que não se volte ao que era antes, mas que a mudança de pensamento leve a novas práticas educacionais. É necessário que o caminho percorrido e as aprendizagens desenvolvidas pelas redes e profissionais da educação para o enfrentamento deste período de pandemia sejam mantidos como heranças vivas, permitindo-nos reconfigurar a escola no pós-pandemia (VIEIRA; RICCI, 2020), pois precisamos fazer da educação brasileira um terreno fértil para mudanças e inovações, e flexível para a inclusão social.

Para concluir, destacamos algumas indagações, que persistem sem respostas. Que outros desafios pedagógicos ainda nos aguardam? Teremos realmente o chamado “novo normal”? Quais as mudanças que a pandemia deixará efetivamente para a educação? A escola vai se reinventar verdadeiramente para atender os (as) estudantes de forma integral, para além do espaço formal de educação.

Muitas dúvidas e algumas verdades: os enfrentamentos do momento nos indicam o valor da escola e do aprender. Afirmam que a construção do aprendizado ocorre nos espaços escolares, mas também, nos individuais, sociais e familiares. Apontam múltiplas carências quanto à formação e capacitação pedagógica e docente, e de falta de acesso e de apropriação das tecnologias ao contexto escolar.

## Referências

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GONZÁLEZ, F.C. Geografía del Espacio Escolar: **Desplazamientos, Acomodaciones y Búsquedas desde la Experiencia del Lugar**. In: GARRIDO, M. (Org.). La espesura del lugar: Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo. Santiago: Ediciones Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009, p. 23-35.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28. [s.n.], jan./fev./mar./abr. 2002.

PERRENOUD, Philippe et al. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre -RS: Artmed, 2002.

Anais do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação/ISSN: 2525-4588

CATEGORIA: **RELATO DE EXPERIÊNCIA**



III Congresso Internacional  
V Congresso Nacional

**25 a 28**  
**Agosto 2021**



VIEIRA, Letícia; RICCI, C.C. Maike. A educação em tempo de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo. **OMESC – editorial abril 2020**. Disponível em:

[https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id\\_cpmenu/7432/EDITORIAL\\_DE\\_ABRIL](https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL)

[Letícia Vieira e Maike Ricci final 15882101662453\\_7432.pdf](#) Acesso 29 abril 2021.